

Patriotismo, Internacionalismo e Militarismo

No estado actual de coisas, os dois países da Europa a que mais pode convir a existencia de Portugal, são a França e a Inglaterra. Portugal reunido á Espanha, constituiria para a França um vizinho de importancia, por conseguinte um vizinho perigoso; para a Inglaterra poderia formar uma especie de Estado rival, sendo uma outra potencia maritima no occidente europeu. Dividir para governar é um lema assás utilizado na vida internacional, e emquanto a França e a Inglaterra tiverem *sorte*, poder, influencia, no mundo, hão-de ajudar, ou mesmo promover, a divisão da Península.

Pelo contrario, á Alemanha, que sente crescer a sua preponderancia na medida em que decresça o dominio dos Estados mais proximos e portanto mais seus antagonistas, conviria antepor á França, bem como á Inglaterra, uma Espanha poderosa e una, cuja formação, a ser-lhe possivel, ela auxiliaria por todos os meios, procuraria a todo o custo, se um triumpho decisivo a favorecesse. Os monarchicos que imaginam que a victoria da Alemanha na guerra presente, lhes daria D. Manuel em Portugal, erram um tanto no nome do monarcha, que se chamaria Afonso XIII, desde que isso só dependesse da vontade do imperio germanico.

Assim, o geral dos portuguezes de espirito conservador, que sentem instintivamente a verdade do que atrás fica e querem que Portugal subsista porque existe ha muitos seculos, e os portuguezes de espirito avançado, a quem não agrada a subordinação da sua individualidade, no que ella tem de traços colectivos, á psiquia de outro povo, inclinam-se, por simpatia, para a França e para a Inglaterra, e tomam, nesta luta feroz que vem assolando a Europa, partido contra a Alemanha.

Deverá ser isto? não deverá ser? E' um phenomeno geografico, historico e de psicologia colectiva, que no estado do nosso saber e poder sociologico, nos não é permitido evitar, quando mesmo fosse evidente a sua prejudicialidade. Dêste modo, sollicitado Portugal a intervir no conflito europeu, não pode alegar que os resultados lhe sejam absolutamente indi-

ferentes, nem pôde deixar, entre os dois campos, de escolher o dos *aliados*. O Estado — conduzido como sempre, embora tendo a ilusão de ser dirigente e iniciador, — não faz mais do que reflectir, nas acções que tem praticado ultimamente para com as outras nações, as tendencias, os desejos da colectividade portuguesa; e, onde êle errar, entendamos bem, onde cessar de reflecti-la, achar-se-ha desacompanhado, impopularizado, impossante.

Se todos os homens nascidos nesta terra e que receiam ser submetidos á psiquia *castelhana*, se encontram no actual momento, em espirito contra a Alemanha, e se obrigados a descer á pratica — por circunstancias que não souberam ou não puderam evitar — teem de tomar partido contra aquele país, ha entretanto alguns entre êles que se dizem internacionalistas, que abominam o emprego da força nas relações entre povos, e que quereriam, pela sua abstenção, dar um exemplo de justiça, de bondade, e do respeito de que julgam merecedoras a vida e individualidade humanas. Como, porém, o poderão fazer? Esses homens, evidentemente, não detestam os espanhoes, simpatizam com todos os povos; mas, por pouco que exista na sua alma um feitio nacional, não pôdem a sangue-frio consentir que alguém, mesmo remotamente, queira impôr-lhes um modo de ser psiquico, que não se harmonize com os seus antecedentes, com a sua educação, com o seu ambiente social, e sobretudo com a voz da terra — as aguas, o ceu, o clima — que neles fala através das suas visceras.

Internacionalismo não significa uma desnacionalização absoluta — impossível, pelo menos por enquanto, em que tão ligados vivemos á terra, e tão difficilmente nos podemos deslocar e misturar aos outros povos —; companheiro do espirito liberal ou, para melhor dizer, o proprio espirito liberal nas relações entre países, o internacionalismo não é tambem a indiferença dos inconscientes ou dos escravos por tudo quanto vai além da mera repleção, acima das vulgares satisfações carnis. Não! É um modo de ser da equidade, á qual repugna torcer os outros no seu temperamento e caracter, a qual se indigna por ver alguém violentado na sua indole e vontade, coagido na sua intelligencia, — seja por um individuo ou por um povo — que não aceita a imposição

mais ou menos brutal, mas tão só a persuasão e o igualitário convencimento.

Ora o maior adversario do internacionalismo assim concebido, é, não o patronismo numa significação nobre e alta, mas a sua contrafacção, espirito guerreiro e militarismo, com todas as variantes de que póde ser susceptível. E enquanto esse adversario existir, se o internacionalismo se fizer cor-deiro, o lobo devorá-lo-ha; enquanto o despotismo belico dispuser dos seus meios sem escrupulos, o cruzar braços e prégar paz é pura mistificação ou fantasmagoria de almas utopicas; é o suicidio do internacionalismo e da razão d'onde êle brota, a liberdade, o progresso, as aspirações dum amanhã melhor.

A Prussia foi a inventora do serviço militar obrigatorio, senão do exercito permanente; a Prussia prussificou a Alemanha; a Alemanha, ameaçando, prussificou todo o continente e até por ultimo a propria Inglaterra. Desde o começo do seculo 18 que aquele país, então bem pequeno, sofre de intensa militarite, que se tem vindo sempre agravando; o espirito organizador da sua raça tem-se gastado numa obra ruim, e mais uma vez supurou o abcesso de envilecimento disciplinar e de rapinagem megalomaniaca nesta guerra fenomenal que se desencadeia ha quasi dois anos.

O triunfo da Alemanha seria ainda uma maior amplitude do espirito caserneiro através de toda a Europa; seria esse espirito estendido á America, acaso á China, a todo o mundo, que passaria a tremer do Estado-Maior prussiano, e a só pensar em armamentos, como as nações agora em guerra, quasi haviam chegado a fazer.

A derrota da Alemanha, reduzindo-lhe a possibilidade de heroicidades façanhudas, seria para a Europa esgotada de guerra, cansada dos inumerosos exercitos, desiludida de conquististas, ao menos cá no ocidente, mais inclinada á democracia do que ás tendencias para a escravidão, que só talvez prevalecem da França para lá, — uma causa de transformação social e de rapidos progressos politicos, que o militarismo, com a sua pata férrea, por toda a parte tem impedido. E assim, combater contra a Alemanha, é menos combater contra um povo do que contra uma ideia que êle encarna, uma feição social que se chama despotismo, e que no seu derradeiro avatar tomou o aspecto militarista.

Por três motivos eu faço votos pela derrota da Alemanha, sendo embora um admirador fervoroso das suas supremas qualidades — industriais, artisticas, scientificas — ; por três motivos, de boa mente, cooperaria para essa derrota, se o meu auxilio, de qualquer especie, fosse julgado de proveito. Primeiro, porque se eu poderia aceitar a combinação, a federação, dêste nosso país com a Espanha, repugna-me admitir a sua e minha subordinação violenta a uma psicologia colectiva, que difere grandemente da que me é familiar e propria. Segundo, porque se não supponho que seja com preparar a guerra que se deve obter a paz, tambem não creio que, ateadada a guerra, se possa alcançar a paz, com o respeito de todos os entes, recusando-nos a fazer guerra. Finalmente, porque imagino que a disciplina da caserna é o contrario da liberdade; e contudo, a liberdade actualmente é a condição de todo o progresso na organização das sociedades.

Em resumo desejo ardentemente a vitoria das *nações aliadas*: porque nasci em Portugal, porque sou internacionalista (anti-militarista portanto), porque prefiro o avanço social ao estacionamento ou retrocesso, de que o militarismo é um dos elementos.

CESAR PORTO.

